

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Natalia Ramos Velloso do Amaral

Memorial de formação:
Ressignificação das memórias até a Pedagogia

TAUBATÉ - SP
2023

Natalia Ramos Velloso do Amaral

**Memorial de formação:
Ressignificação das memórias até a Pedagogia**

Memorial apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Eugenio

Taubaté – SP

2023

Dedico esse trabalho ao meu avô
Joaquim, o qual fez e faz parte de
minhas memórias mais vivas

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha mãe por sempre me apoiar nessa escolha de formação, sendo minha maior incentivadora.

Agradeço aos meus familiares que também sempre me apoiaram e confiaram em mim para a realização desse trabalho

Agradeço com todo meu coração as minhas colegas que criei uma conexão genuína durante os quatro anos de graduação e por não me deixarem desistir no meio dessa jornada.

Agradeço esse trabalho também ao meu aluno Joaquim, pois me dediquei a ele com muito amor e carinho e ele foi quem abriu meus olhos para a pedagogia e educação inclusiva.

Agradeço especialmente à professora Cleusa Viera da Costa, por toda sua atenção e empatia comigo na construção desse trabalho, sendo a pessoa que mais me auxiliou nesse processo.

Agradeço também ao meu orientador por me incentivar sempre com falas reflexivas.

RESUMO

O memorial é importante para que profissionais da educação possam expor suas experiências. É um documento que precisa ser estruturado passo a passo, a fim de que se registre reflexões no processo de aprendizagem, unindo a prática e a reflexão. Desse modo, o memorial é um documento sobre o processo que você vivência ao longo do curso, mas não só em relação ao ensino e aprendizagem, mas com as ressignificações de sua identidade profissional e as transformações adquiridas ao longo do curso. Ademais, esse memorial em questão, será realizado com base em minhas experiências pessoais e será dividido por etapas desde o meu nascimento, todo o meu desenvolvimento escolar e por fim a escolha pelo curso de pedagogia e os motivos que me levaram a escolha da educação especial. Acredito que como graduanda em pedagogia e vivenciando as práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula, o memorial se faz necessário, para expor minhas experiências nos anos de estágio e as reflexões que fiz durante esse processo. Bem como a especialização que farei em educação especial, buscando me especializar para práticas educacionais que sejam inclusivas para todos.

Palavras-chave: Memorial. Pedagogia. Educação Especial. Docência.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Eu no colo de minha mãe

Imagem 2 – Eu no colo de minha avó

Imagem 3 – Eu, meus três primos e meu tio Fernando

Imagem 4 – À esquerda eu na Festa Junina e à direita com minha mãe

Imagem 5 – Atividade realizada com o aluno

Imagem 6 – Atividade com Alfabeto Móvel

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 INFÂNCIA.....	09
3 ESCOLARIZAÇÃO	16
3.1 Educação Infantil	16
3.2 Ensino Fundamental 1	18
3.3 Ensino Fundamental 2	20
3.4 Ensino Médio	22
4 GRADUAÇÃO.....	25
CONCLUSÕES: NOVOS CAMINHOS	32
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O memorial é fundamental para profissionais da área da educação, para que assim possam expor suas experiências ao longo da trajetória acadêmica. Como cita Souza e Dourado (2014, p. 40) o memorial de formação é um gênero textual apresentado em forma de “uma narrativa descritiva de rica possibilidade de produção acadêmica onde as experiências vivenciadas em [...] interação com outros textos, discursos e interlocutores possibilitam aprendizagens significativas”. É um documento que precisa ser estruturado passo a passo, a fim de que se registre reflexões no processo de aprendizagem e em seu cotidiano, unindo a prática e a reflexão.

Segundo o Guia Geral (2002, p.30) acrescenta que o memorial é:

[...] um depoimento escrito sobre o processo que você vivencia ao longo do curso, com respeito não só à aprendizagem de conteúdos, mas, sobretudo, com relação à (re) significação de sua identidade profissional e à reflexão sobre sua prática pedagógica em uma perspectiva interdisciplinar.

Ademais, este memorial está direcionado, a assuntos relacionados a minha vida pessoal, logo farei uma breve apresentação do meu contexto familiar, passando sobre a minha infância e adolescência e todas as etapas em que estive no ambiente escolar enquanto aluna. Farei um pequeno relato sobre as memórias afetivas que me marcaram nesse processo escolar, e que me fizeram escolher a pedagogia como profissão. Desse modo, o memorial será dividido em etapas sendo elas: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, além do período da graduação e, caminhos futuro para minha carreira como pedagoga.

No presente trabalho irei narrar minha história com pontos da minha trajetória, os quais foram mais importantes para meu crescimento enquanto ser humano, irei narrar do meu nascimento até a escolha da minha profissão.

De acordo com Prado e Soligo (2005, p. 3):

A palavra narrar vem do verbo latino narrare, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de épikos – poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o

destino de toda história. E se 'as coisas estão prenes da palavra', como preferia Bakhtin, ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias... e até repletas de mistérios – que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura.

Assim, a narrativa o narrar, se torna um conjunto de acontecimentos, acontecimentos bons e acontecimentos ruins, além disso a narrativa não possui uma ordem cronológica, pois está sendo construídas através de vivências e momentos que foram mais importantes e que marcaram uma história, (sendo) um trabalho narrador através de emoções, desejos, realizações e superações e, com o intuito de que o leitor obtenha suas próprias conclusões e interpretações.

2 INFÂNCIA, FAMÍLIA E MEMÓRIAS

Discorrer sobre esse trabalho é resgatar memórias que fizeram e fazem parte daquilo que me fez ser quem sou hoje, logo, dou início ao presente trabalho com o meu nascimento. Nasci no dia 12 de abril de 1999, no hospital escola às 22h30 da noite. Filha de Simone Ramos Galvão e Luiz Henrique Velloso do Amaral.

Minha mãe sempre teve um papel essencial na minha vida, pois foi mãe solo desde o meu nascimento, sempre muito zelosa, fez tudo que pode para me dar o que fosse necessário, me educou da melhor maneira e da maneira que ela pode, para que eu crescesse e fosse uma mulher justa, educada e empática com todos.

Imagem 1 – Eu no colo de minha mãe



Fonte: Acervo pessoal

Meus avós e meu tio Fernando, também foram essenciais na minha vida e criação, pois tudo que venho conquistando foi graças a eles, me educaram juntamente com a minha mãe, da melhor maneira possível, sempre me apoiaram em minhas escolhas, auxiliando e orientando, para que eu buscasse e andasse

nos caminhos corretos, foram sempre muito zelosos e amorosos nesse processo.

Imagem 2 – Eu no colo de minha avó



Fonte: Acervo pessoal

Cresci e me desenvolvi em Taubaté, morei a maior parte da minha infância e adolescência, na casa dos meus avós maternos, Neide e Joaquim, junto aos meus três primos Igor Matheus, Luiz Henrique e Dayane. Morávamos em um bairro chamado CECAP, por muito tempo.

Imagem 3 – Eu, meus três primos e meu tio Fernando



Fonte: Acervo pessoal

Neste bairro foi aonde tive minhas primeiras experiências enquanto bebê e criança, carrego muitas lembranças afetivas junto aos meus primos, os quais contribuíram nesse processo de descobertas e desenvolvimento, nesse bairro criei meus primeiros vínculos de amizade, os quais ainda mantenho contato, pois também tiveram um papel fundamental para meu crescimento.

Quando criança eu, e meus primos tínhamos os mesmos amigos e gostávamos de brincar na rua com eles, passávamos a tarde inteira brincando e só entrávamos para casa quando minha avó nos chamava para almoçar, e sempre que ela nos chamava nós também chamávamos nossos amigos para almoçar em casa conosco, almoçávamos e já voltava para a rua, para brincar.

A criança, ao brincar, expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados, visto que ela investe sua afetividade nessa atividade. Por isso a brincadeira deve ser encarada como algo sério e que é

fundamental para o desenvolvimento infantil (Guerra, Tassigny, Rolim, 2008, p.177).

Brincávamos de muitas coisas, mas as que eu mais gostava era bandeirinha, mãe da rua, elefantinho colorido e atendente de supermercado, pois tínhamos patins, e logo fingíamos ser atendentes.

Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas 14 atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos. (GARDNEI apud FERREIRA; MISSE; BONADIO, 2004)

Lembro-me de me imaginar brincando de escolinha, tinha uma lousa de giz, muitos cadernos e canetinhas, gostava de enfileirar minhas bonecas e ursos, eu ainda não era alfabetizada, imaginava sempre que estava ensinando meus alunos a lerem e escreverem. Como cita Giraldeello "a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não" (Giraldeello, 2011, p.75). Me lembro também de imaginar ser vendedora de flores, sempre gostei muito de estar perto de arvores e flores, observar o movimento e sentir o vento no rosto.

Recordo-me, de muitas viagens na minha infância, mas as que mais me trazem memórias afetivas são as viagens de férias que eu fazia para São Vicente, ficava na casa da minha tia Roseli (tita), lá eu passava minhas férias inteira, com a minha prima Bianca, éramos muito próximas e a lembrança mais (viva) que tenho com ela é de quando fomos a primeira vez juntas ao cinema e de quando resolvemos parar de usar chupeta, me lembro que foi um grande desafio para as duas. Bianca foi e é uma prima a qual eu tenho um grande carinho, pois tínhamos uma ligação muito forte e genuína.

Além das viagens para a casa da minha tia, me lembro de uma viagem em que meu avô nos levou para uma colônia de férias, lá nós fizemos inúmeras amizades e uma até tivemos contato por anos após a viagem, meus primos já tinham ido à colônia outras vezes, mas eu nunca tinha ido, então meu avô resolveu nos levar. Nós viajamos bastante e meu avô sempre as tornava uma grande aventura.

Das viagens que fiz, uma da qual eu amava ir sempre, era para na praia da minha tia Neusa, ela tinha uma casa em Bertiooga, íamos sempre com bastante pessoas e acredito que ir para lá, não é apenas uma memória viva de minha infância, mas de todos que estavam ali presente. A casa era bem pertinho da praia e precisava atravessar uma pontezinha para chegar lá, meus avós levavam até nossos papagaios para lá e eles adoravam. Das minhas idas a praia em todas as viagens, eu gostava muito de pegar conchinhas e uma vez consegui pegar uma estrela do mar, mas as conchinhas eu pegava e trazia para minhas colegas em Taubaté.

Meu avô gostava de transformar tudo em aventuras, lembro-me quando ele me buscava na escola e sempre perguntava para mim e meus primos se queríamos ir embora com ou sem adrenalina, obviamente sempre escolhíamos com aventura e imediatamente ele tornava o caminho da escola até em casa uma aventura com muitas adrenalinhas.

Ele também gostava de contar muitas histórias da bíblia e histórias em que ele tinha vivido, meu avô era bombeiro, logo contava muitas histórias sobre resgates que ele já tinha feito. Depois que ele não pode mais andar e começou a usar cadeira de rodas nós que tornávamos os passeios uma diversão para ele.

Desfruto de diversas memórias com meu avô, mas a que mais tenho apreço é a de quando eu desenvolvi uma alergia muito forte á chocolate e não pude comer pois me dava muitas feridas. E me lembro que ele sempre comprava muitos chocolates e de diversos tipos, e sempre me dava escondido ou "brigava" com a minha mãe para que eu pudesse comer, pois ele sabia o quanto eu amava chocolate.

Para mais, me lembro que quando ele ficou acamado e já não conseguia mais falar, eu conversava bastante com ele e contava tudo que eu sabia, que ele gostaria de saber, como ele não conseguia mais falar, ele fazia gestos ou fazia algum barulho em forma de resposta, eu e meus primos liamos a bíblia para ele nesse período, pois sabíamos que ele amava. Eu também colocava os programas que ele gostava de assistir que era sempre jornal ou documentários sobre animais.

Além disso, em 2007 fui morar em outra cidade com a minha mãe, ficamos lá em torno de 3 meses apenas, e retornamos para Taubaté, fomos morar na casa dos meus avós. Nesse mesmo ano eu, minha mãe, meus avós, meus

primos, minha tia e minha bisavó fomos morar em um bairro chamado Bela Vista, morávamos todos juntos na mesma casa, era uma casa grande e com um quintal enorme, onde fizemos uma criação de galinhas e patos.

Lembro-me de passar a maior parte do tempo no galinheiro com meu primo Luiz Henrique, nós adorávamos ficar lá observando e cuidando das galinhas e dos ovos

Nós fizemos muitas amizades nesse bairro e levávamos nossos amigos do antigo bairro para ficar em casa e ficar aos finais de semana. Quando nos mudamos quase todos os nossos tios e tias iam em casa e me lembro que eles adoravam cozinhar no fogão à lenha e adoravam cantar e fazer cultos em casa.

Nessa casa tive meu primeiro aniversário surpresa, e quando ganhei minha primeira bicicleta, acredito que ficamos apenas um ano nesse bairro, e tivemos que voltar para nossa antiga casa no Cecap, lá nós ficamos até 2009, depois voltamos para bela vista.

Lembro-me de passar dias na roça com uma amiga da família, era libertador ter a experiência de andar a cavalo, brincar na lama e descobrir aquela textura, tomar banho de rio e cachoeira, experimentar comidas diferentes, as quais eu não estava acostumada a comer no dia a dia, obter esse contato direto com a natureza e as descobertas que fiz, foram muito importantes para mim, com isso guardo essas memórias com muito carinho.

Acredito que o brincar na natureza e obter esse contato direto foi necessário para o meu desenvolvimento infantil em todos os aspectos, sendo eles intelectuais, emocionais, sociais e até mesmo espiritual, criando uma conexão com o meio natural, e mesmo antes de me mudar para essa casa e criar as galinhas, sempre tive esse contato com a natureza, gostava de brincar com a terra, pisar na grama e sentir as diferentes texturas.

Minha família e agregados sempre foram unidos, logo tínhamos muitas festas, pois gostávamos de estar sempre perto uns dos outros, tudo se tornava motivo para comemorar, minha família é bem grande com muitos tios, tias, primas e primos, assim as festas ou até mesmo um simples almoço se tornava algo grande e divertido, com muitas risadas, músicas e brincadeiras.

Penso que meus familiares maternos foram cruciais em minha infância, uma vez que não tive um pai presente e todos que me rodeavam eram extremamente presentes e fizeram com que eu me sentisse muito amada e

acolhida, excepcionalmente em datas comemorativas em que a criança se pergunta do pai, eles sempre estavam ali por mim e me deram mais que um suporte, mas muito amor e afeto.

Me lembro que desde muito pequena adorar ficar olhando minha avó cozinhar e fazer bolos, ela fazia e atualmente ainda faz bolos para vender, e eu sempre ficava por perto observando ela e sempre ajudava a principalmente decorar os bolos. Adora sentir o cheiro da comida enquanto ela estava cozinhando, a partir do momento em que ela percebia que eu estava por perto, ela me chamava para me ensinar como fazia, e eu amava.

Além dessas memórias que fizeram e fazem parte da minha história a mais marcante para mim foi o nascimento do meu irmão Giovanni, no início eu não "gostei" nenhum pouco, mas depois com o nascimento eu comecei a aceitar e o amar incondicionalmente, nós temos 12 anos de diferença, logo consegui participar e partilhar de bons momentos com ele, consegui também ensinar muitas coisas e fazer com que ele tivesse diversas descobertas em seu processo de desenvolvimento, não só enquanto bebê e criança, mas até agora, no início eu precisei cuidar do meu irmão para que minha mãe pudesse trabalhar, assim eu estudava de manhã e cuidava dele no período da tarde.

O vínculo entre irmãos pode ser compreendido como o resultado de um processo de relação recíproca entre os sujeitos, construído e determinado por meio das trocas ajustadas entre os irmãos, satisfazendo suas distintas necessidades. Independente da forma que o relacionamento se define, isto é, calmo ou tempestuoso, satisfatório ou frustrante, confortante ou conflituoso, é por meio dele que os irmãos adquirem uma base com a qual se modela a vida de cada um (Oliveira e Cerveny, 2010).

Meu irmão foi necessário para meu desenvolvimento enquanto pré-adolescente, pois foi a partir disso que eu percebi e entendi que não existia só eu e que o amor podia ser compartilhado de maneira simples.

Além, do nascimento do irmão nasceram também meus primos, Miguel, Ana Livia, Daniel e Sarah Alice, eu cuidava deles também, sempre gostei muito de crianças, do cuidado e de participar do desenvolvimento deles. E até hoje eu tenho esse sentimento de cuidado por eles, e cada vitória deles, cada avanço é

algo que me transborda de amor, pois é notório que se tornaram adolescentes responsáveis de bom coração.

Depois desses relatos, em 2014 ocorreu o falecimento do meu avô, o que me levou a ter crises de ansiedade, logo não conseguia frequentar a escola todos os dias, o que quase me levou a reprovar no ano letivo. Meu avô foi e é uma das pessoas mais importantes para mim, foi quem me criou e fez todo o papel de pai na minha vida, e o falecimento dele foi algo que me abateu bastante, com o passar dos anos fui entendendo e aceitando, até não ser mais uma dor e carregar comigo apenas as lembranças boas que partilhei ao lado dele e todo aprendizado também.

Após o falecimento de meu avô a família ficou ainda mais reunida, pois foi um momento realmente muito difícil para todos nós, e até mesmo os vizinhos vinham para a casa da minha vó para nos dar apoio, levou um tempo para conseguirmos nos recuperar, e no início qualquer data era uma data triste, mas com o passar do tempo fomos nos reerguendo. Além disso sempre tivemos amigos e família que foram extremamente presentes nesse processo do luto.

Em minha infância partilhei de momentos maravilhosos e que fazem parte da minha essência, partilhei também de momentos ruins e que também foram importantes para meu crescimento e para que eu pudesse me tornar quem sou hoje.

Ademais, até meus 4 anos antes de iniciar na escola, fiquei sob o cuidado de meus avós e minha mãe, o que não significa que minha educação tenha sido apenas no ambiente escolar.

A verdadeira educação [das crianças] consiste muito mais num preparo adequado de suas almas, para que nelas, por impulso próprio e natural, possa crescer e se desenvolver a inteligência de cada criança, no respeito do ritmo e dos interesses próprios da cada criança particular. (Gagnebin, 1997, p. 171).

Dessa forma, concluo que todas as experiências que vivenciei foram valorosas para a minha construção e autonomia, sempre rodeada de muito conhecimento e aprendizados que me foram passados com muito cuidado e dedicação, antes mesmo que eu iniciasse na educação infantil.

3 ESCOLARIZAÇÃO

Nesta seção, fui buscar em minhas memórias, meu processo de escolarização, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Para o Ensino Superior, dediquei uma seção exclusiva.

3.1 Educação Infantil

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro à “Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, que torna obrigatória a oferta gratuita de educação básica a partir dos 4 anos de idade”. Iniciei na Educação Infantil aos 4 anos, na escola (amarelinho), ficava na escola em período integral, o que relata minha mãe é que, eu adorava ir à escola, não chorava, e adorava fazer amizades, além disso era apegada demais em todas as professoras e professor que tive na educação infantil.

A escola em que estudei na educação infantil, me recordo de ter uma estrutura ampla, com salas arejadas, e que se destacava por ter grandes portas de vidro que proporcionavam acesso ao parque. O parque era composto por diversos brinquedos, sendo o meu favorito o balanço. Além disso, havia uma extensa área verde com muitas árvores e um grande gramado. Lembro-me também de um refeitório amplo, com várias mesas para que as crianças pudessem se reunir durante as refeições. Uma lembrança que permanece viva é a que nessa escola tínhamos permissão para andar descalços por toda a escola, uma sensação de liberdade que carrego até hoje.

Cabe ressaltar que sempre estudei junto com meus primos, na mesma escola, éramos muito apegados uns aos outros, logo estudávamos na mesma escola e no mesmo período. Não tenho muitas lembranças dos meus anos iniciais de educação infantil, mas tenho algumas que são significativas para mim, como a primeira vez em que dancei na festa junina, me lembro que foi um grande desafio e uma grande vitória, pois sempre fui muito tímida.

Imagem 4 – À esquerda eu na Festa Junina e à direita com minha mãe



Fonte: Acervo Pessoal

3.2 Ensino Fundamental I

Após sair da educação infantil e entrar no pré, atualmente chamado de primeiro ano, lembro-me de estar muito ansiosa para comprar meus materiais. Compramos uma mochila e os materiais que foram pedidos, minha mãe me deixou escolher tudo, desde os lápis até a cor dos cadernos, mas sempre me orientando sobre os valores e se era acessível ou não.

Minha mãe raspou todos os meus lápis e escreveu meu nome, etiquetou e encapou todos os cadernos, já que foi uma exigência da escola para que não perdesse nada. Eu olhava meus materiais todos os dias, pois estava muito inquieta para iniciar na escola.

No primeiro dia de aula fomos andando, pois, a escola era bem próxima de casa. Chegando na escola, minha mãe entrou comigo para que ela pudesse olhar a lista de nomes e em qual sala eu estava e quem seria meu professor (a).

Assim que entrei na sala, minha mãe foi embora, eu estava muito tímida, lembro-me de as mesas estarem em formato de U, e podemos escolher nossos lugares. O professor se apresentou, o nome dele era Rodrigo, assim que ele se apresentou, pediu para que cada aluno se apresentasse também, falando o nome e a idade e como estamos nos sentindo no primeiro dia de aula.

Após os primeiros dias aula, voltaram as mesas no modo tradicional, todas enfileiradas. Eu me sentava na última carteira, pois sempre fui a mais alta da turma, logo os professores me colocavam no fundo para não tampar a visão dos colegas.

O professor logo começou a notar que eu tinha algumas dificuldades, principalmente para enxergar o que estava na lousa, assim optou por me colocar nas primeiras carteiras. O método usado para a nossa alfabetização, era o método sintéticos e ou método silábico, com cartilha. O que acabou me deixando ainda mais com dificuldade e apreensão, porque a maioria das crianças já sabiam ao menos escrever seus próprios nomes, e eu ainda não.

Fui alfabetizada com o método silábico o qual aprende-se as famílias ba, be, bi, bo, bu, da, de, di, do, du. Unindo uma vogal e uma consoante, e depois que era passado para o método alfabético, onde juntávamos as sílabas para formar palavras.

Esse método silábico é utilizado com acesso direto a sílaba e não ao fonema, trazendo assim um meio de memorização. Diz assim Frade “. Em várias cartilhas dos métodos silábicos geralmente são apresentadas palavras-chave, utilizadas apenas para apresentar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas” (Frade 2007, p.24). Logo, é feita a memorização a fim de criar frases com as palavras que nos são apresentadas.

Recordo-me de ser uma aluna copista, não entendia o que estava sendo passado, e não via significado no que era pra ser feito, muitos traçados para serem preenchidos, o que fazia minha mão doer, (pois) precisava ser (feito) corretamente, sem sair para fora dos traços, eu precisava ter uma letra perfeita, Rodrigo era muito exigente em relação a letra, mas não percebia que eu não sabia ler ainda, talvez por já estar acostumado com esse método (mecânico).

Após sofrer um acidente dentro de casa, minha mãe notou que eu não estava enxergando, e então marcou um oftalmo para mim, assim que saiu os resultados dos exames feitos pela médica, constou-se que eu tinha astigmatismo e miopia, logo não enxergava e o grau dos meus óculos precisaria ser muito altos e, precisaria também usar tampão por alguns meses.

Começar a usar óculos e tampão foi algo difícil para mim, pois comecei a sofrer muito bullying na escola o que acarretou ainda mais na minha defasagem

e demora para ser alfabetizada, pois comecei a ter vergonha de ir à escola e comecei a faltar bastante. Assim como cita Lopes "A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais" (Lopes, 2006, p.165). Assim que retirado meu tampão, voltei a frequentar mais a escola e desde então melhorou mais o meu desenvolvimento escolar, aos poucos fui aprendendo a ler e escrever e, além de praticar a leitura na escola, minha mãe e meu avô também me auxiliavam em casa, porque eu estava empenhada e ansiosa para ler.

Ademais, na Pré-escola conheci meus colegas Leonardo, Juliana, Mariane, colegas, gostávamos de sempre estar juntos nas brincadeiras, no intervalo e na sala de aula, nós formamos juntos no pré e estudamos juntos até o terceiro ano, nos separamos e voltamos a estudar juntos apenas no ensino médio, e até hoje mantemos contato e a maior parte das vezes ficamos relembando dos tempos em que estudávamos juntos.

Além disso, o professor organizou nossa formatura do pré para iniciarmos no primeiro ano do ensino fundamental, me lembro que ensaiamos por meses para a formatura, e como na festa junina, dançar e entrar sozinha na formatura foi um avanço grandioso pra mim, considerando o fato de que minha família toda estava presente e todos sempre me apoiando e encorajando, uma vez que todos sabiam da minha timidez excessiva, assim cada passo em que eu dava que fosse possível enfrentar essa timidez, era uma avanço e ou uma alegria não só pra mim, mas para todos que estavam ali comigo nesse desenvolvimento, me lembro de ter encerrado, concluído esse ciclo de maneira muito feliz e ansiosa para começar uma nova etapa junto com meus colegas.

3.3 Ensino Fundamental II

Já no que se refere na minha trajetória escolar do Ensino Fundamental I, estudei em escolas diferentes. Iniciei na escola Guido Miné, com uma professora chamada Isabel, Isabel era acolhedora, carinhosa e paciente. Observou todas as minhas dificuldades, com muito zelo e cuidado e assim foi me auxiliando para que eu melhorasse no desenvolvimento escolar.

Fui para o 3º ano na mesma escola e permaneci lá por apenas 4 meses, logo após me mudei para Santos e comecei a estudar lá, estudava no período da manhã, não estava acostumada, o que me fez faltar bastante. Morei em Santos por 3 meses apenas, e voltei para Taubaté e para onde estudava, logo com algumas dificuldades, pois faltei em muitas aulas.

Por ter me mudado e frequentado duas escolas, e o fato de ter faltado em algumas aulas, obtive uma defasagem em meu desenvolvimento escolar e acabei começando criando o hábito de não estudar e ir para a escola apenas por obrigação, e fui seguindo nesse ritmo até chegar no 5º.

Iniciei o 5º em outra escola, pois por ter sofrido bullying, minha mãe e meus avós resolveram me transferir para outra escola, uma escola que fosse no nosso bairro. Ao iniciar o 5º na escola Dom Pereira, tive a oportunidade de conhecer duas excelentes professoras, as quais foram responsáveis por mudar minha visão sobre a escola e os estudos. As professoras que me refiro são, Maria Alice, professora de ciências e professora Vanessa, responsável pelos conteúdos de inglês, as duas foram minhas professoras do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental II.

Maria Alice, conseguiu resgatar e despertar em mim a vontade de estudar e as curiosidades que eu tinha. Assim como confirma Madalena (2021), “o educador se torna responsável por iluminar o caminho do educando e trazer descobertas e vontades do que está oculto aos interesses e o querer aprender”. Logo, ela foi responsável também por fazer com que eu descobrisse essa vontade que eu tinha e tenho de ser educadora, pois foi minha maior incentivadora nesse processo e, conseguiu me mostrar o quão importante é estar envolvida com a educação.

Já a professora Vanessa, sempre foi muito firme e rígida com todos, mas ao mesmo tempo conseguia ser acolhedora, respeitosa com o tempo de cada um. Vanessa também era divertida e conseguia deixar as aulas mais interessantes e didáticas, tinha o dom de causar a curiosidade e como tinham apenas duas aulas com ela na semana, ficávamos ansiosos para a próxima aula. Além disso, essa professora me ajudou em questões pessoais como autoestima baixa e questões sociais, aos poucos foi conseguindo se aproximar e me ajudar com essas questões também.

Apesar de ter questões com bullying que sofri, nessa escola consegui criar vínculos com alguns colegas, sendo eles; Leticia, Vinicius, Thiago, Marcos, Gabriela e Luana, eles me receberam de tal maneira que aos poucos fui conseguindo dar espaço para eles e perdendo o medo de estar em um convívio social.

Em meu último ano no fundamental II, tivemos uma colação de grau, simples, pois nós e a escola não tínhamos condições de fazer uma festa grande ou até mesmo uma formatura, assim optamos por fazer a colação de grau e sair com nossos professores para uma pizzaria, logo foi assim que comemoramos e nos despedimos daqueles que partilhamos bons anos dentro do ambiente escolar, professores que por mais que fossem rígidos fizeram parte desse processo de ensino-aprendizagem.

3.4 Ensino Médio

Iniciei o ensino médio em 2014, em uma escola chamada Miguel Pistilli, quando iniciei meu ano letivo nessa escola eu não conhecia ninguém que estava na minha sala, fiquei em sala separa dos meus amigos da antiga escola, e como já tinha sido difícil para eu criar esse vínculo com eles, pedi para minha mãe que ela fosse na escola ver se tinha a possibilidade de me trocar de sala, e assim foi feito.

No primeiro ano do ensino médio, eu ainda não tinha muitas responsabilidades em questões relacionadas ao meu futuro. Mas, recordo-me de começar a ter um grande interesse por história, artes e filosofia, gostava de participar de rodas de conversas e debates, sobre assuntos relacionados a essas disciplinas, uma vez que eu conseguia expor minhas reflexões.

Após passar por pelo 1º ano, o 2º e 3º anos foram os anos em que eu comecei a realmente focar nos estudos, uma vez em que eu estava determinada em fazer faculdade de Ciências Biológicas ou Pedagogia. E, como eu não tinha condições financeiras para pagar um cursinho preparatório, aproveitei o máximo que pude do que me era oferecido na escola.

A escola em que eu frequentava, era uma escola Estadual e nos dois últimos anos em que estudei lá, a falta de professores era consideravelmente grande, e a falta de profissionais aptos para tal disciplina, pois na maioria das

vezes outros professores acabam se oferecendo para dar aula e, aplicando o conteúdo de disciplinas que não eram as dele.

Considerando o fato de que maior parte dos alunos queriam fazer o ENEM, e sem professor e auxílio necessário, foi mais difícil ter essa responsabilidade e disciplina para estudar sozinha. Foi então que me inscrevi e consegui uma vaga no libertas da UNITAU e entrei no cursinho.

Nesse período, eu estudava no horário da manhã e fazia o cursinho aos sábados, assim todas as dúvidas que eu tinha durante a semana, conseguia sanar com os professores do libertas.

Como mais da metade da turma não tinha interesse em estudar ou entrar em uma faculdade, os professores não se esforçavam muito para aplicar os conteúdos, passavam só o que era pedido e o que era passado não precisava de muita busca, uma vez que todas as respostas das atividades propostas por eles tinham os resultados na internet, era sempre tudo muito robotizado e sem muito sentido. Visto isso, os estudantes, ao menos a maioria, só iam com o intuito de acabar logo o ano escolar.

Para mais, quando estava finalizando o ensino médio, comecei a refletir sobre qual curso eu iria começar a fazer depois que me formasse, e acabei decidindo que iria fazer Ciências Biológicas, já que eu era apaixonada por botânica e zoologia, estava convicta de que era a carreira que queria seguir, e coloquei como plano para o ano seguinte.

Meu último ano do ensino médio, foi um dos anos escolares mais importantes para mim, criei vínculos com meus amigos, e atualmente ainda continuamos com esse vínculo. Foi com o apoio deles e toda a força que eles me deram, que eu consegui me assumir como parte da comunidade lgbtqia+ ¹ para a minha mãe e familiares, e acredito que se não fosse a rede de apoio deles, eu não teria conseguido.

Logo, foi o ano em que pude vivenciar meu primeiro namoro com uma mulher. Presumo que, esse último ano, tenha sido um ano de descobertas e de muito crescimento pessoal para mim, comecei a trabalhar também, como babá de duas crianças, sendo uma de 2 anos e uma 4 anos e, aos finais de semana

¹ LGBTQIA+ Grupo de pessoas que representa indivíduos divergentes das normas binárias de gênero e sexualidade.

eu comecei a trabalhar em um buffet infantil, como monitora de brinquedos, criando mais responsabilidades.

Conforme citado por Nora Krawczyk (2011, p.762) sobre as etapas do ensino médio afirma-se que:

[...] No primeiro ano, os jovens se sentem orgulhosos porque, em certa medida, venceram a barreira da escolaridade de seus pais. No segundo ano começa o desencanto, principalmente, pelas dificuldades do processo de ensino, ao passo que as amizades e a sociabilidade entre os pares passam a ser mais importantes. No terceiro, a proximidade de um novo ciclo de vida fica mais evidente, e os alunos se confrontam com um frustrante universo de possibilidades: o ingresso na universidade não se configura como uma possibilidade para a maioria e o desejo de trabalhar ou melhorar profissionalmente também se torna muito difícil de ser concretizado.

Desse modo, acredito que pude passar com muita cautela, por todas essas etapas do concreto e do que não era concreto da adolescência juntamente com o processo escolarização do ensino médio, com diversas orientações e apoio para os caminhos que eu quisesse seguir ao finalizar e sair do ensino médio, sempre muito ciente da realidade em que eu vivia e estava inserida.

4 GRADUAÇÃO

Iniciei minha graduação no ano de 2018, no curso de Ciências Biológicas na UNITAU, escolhi esse curso, pois minha vontade era estudar botânica e zoologia, logo optei por escolher bacharelado, voltado apenas para pesquisas. Minha mãe com muito custo conseguiu pagar os dois primeiros meses, pois não tínhamos condições financeiras, para que eu pudesse permanecer estudando, mas logo foram surgindo as bolsas de estudo, eu me inscrevi em uma e consegui passar na seleção.

Eu e minha mãe ficamos muito felizes, pois continuar estudando era meu sonho, e com a bolsa de estudo nós íamos conseguir comprar o restante dos materiais que faltavam e, o meu jaleco. A princípio o curso era uma realização pessoal para mim, principalmente em aulas práticas. Como discorri no capítulo acima, sempre gostei bastante da natureza e tudo que a habita, e isso foi o que levou-me a escolher essa graduação.

O curso de Ciências Biológicas proporcionou-me uma grande experiência significativa. Acredito, que toda experiência e vivências são valiosas quando aproveitada integralmente, contribuindo para aprendizados que serão positivos e benéficos em um futuro breve.

No decorrer dos meses percebi que esse curso não era o que o curso não correspondia plenamente aos meus interesses. Vivenciei algumas frustrações nas disciplinas, sentindo a ausência da paixão que passei a observar em meus colegas.

Após um ano, ao concluir as provas e iniciar as férias, optei por não renovar minha matrícula. E em uma conversa com minha família, decidi que seria mais adequado trancar o curso até encontrar uma outra graduação.

Em 2019 notei que, o que eu gostaria mesmo era cursar Pedagogia. Porém, ciente de que minha mãe não poderia me auxiliar financeiramente, comecei buscando por um emprego e comecei a trabalhar em um buffet infantil. Mesmo com um salário baixo, esforcei-me para economizar o máximo que possível, visando cobrir, pelo menos, os primeiros três meses do curso até conseguir conquistar um estágio na área.

Assim que resolvi cursar Pedagogia, comecei a explorar assuntos que me despertavam interesse dentro da graduação, por meio de pesquisas. concentrei-

me especialmente buscar saber mais sobre a História da Educação e Educação especial.

Assim como Silva (2010 p.602) afirma “Falar sobre a minha a vida escolar, minha vida acadêmica, é fazer [...], é contar [...]. É olhar para um tempo e trazê-lo para mais perto, é como se desse um “zoom” em momentos da nossa história”. Desse modo, discorro sobre minha graduação em Pedagogia, no ano de 2020. Mas, infelizmente, tivemos apenas um mês de aulas presenciais, pois a pandemia da covid-19, foi e é uma doença respiratória causada por um vírus e, é uma doença que se transmite principalmente por meio de gotículas respiratórias de uma pessoa para outra. Logo, nos obrigou a migrar para o ensino remoto. A princípio, essa transição para o remoto foi desafiadora não apenas para mim, mas para meus colegas e professores também, uma vez que o ensino remoto foi realizado por meio de tecnologias, onde as aulas eram ministradas online, por meio de aplicativos de videochamada.

Com o surgimento da pandemia, todas as atividades passaram a não ser presenciais. Essa alteração causou-me uma grande preocupação, dado que a falta de emprego iria dificultar para que eu pudesse manter meus estudos, e minha mãe também não conseguia me oferecer suporte financeiro. Frente a esse cenário, comecei a buscar por bolsas de estudos e projetos que eu pudesse participar, resultando na minha entrada para o projeto “Física mais que divertida”. Este projeto sob orientação de uma professora de física e química, que contava com o auxílio e colaboração de estudantes de diversas áreas.

O projeto incluía e contava com reuniões semanais, nas quais em conjunto com a orientadora, desenvolvíamos atividades e gravávamos vídeos para que fosse compartilhado com a escola, onde o projeto era desenvolvido. Além disso, era preciso elaborar relatórios mensais englobando todas as atividades realizadas nesse período. Contávamos também com uma rede social, onde compartilhávamos postagens e ensinamos aos pais ou responsáveis atividades para serem realizadas em casa com as crianças.

Apesar desse projeto ser de física e não fazer parte das disciplinas as quais estou acostumada, obtive conhecimentos valioso que contribuíram significativamente para minha formação. Me mantive envolvida com esse projeto por um ano, um período marcado por grandes aprendizados.

Depois de um ano do ensino remoto, o ano seguinte marcou a transição para o ensino híbrido, sendo um modelo de educação que sugere uma aprendizagem que ocorra tanto no ambiente físico da sala de aula, quanto e ou em plataformas digitais de ensino, acarretando assim na reabertura das escolas, e com a opção para os pais levarem as crianças para a escola, se sentissem confortáveis. Nesse cenário, comecei o meu estágio em uma escola particular. Antes de iniciar efetivamente, todas as estagiarias, incluindo eu, participaram de uma reunião com a coordenadora do colégio, que nos apresentou as instalações e nos designou às salas específicas que cada uma ocuparia. Meu primeiro estágio foi na sala de primeiro ano, composta por 13 crianças, duas estagiarias e uma professora. Ressalta-se que havia um aluno com transtorno do espectro autista na turma, e eu assumi a responsabilidade de ser sua tutora.

Dessa forma como afirma: Oliveira (2019, p.32):

Como profissionais da Educação, temos obrigação de fazer todas as opções didáticas, metodológicas, pedagógicas ou o que mais se puder fazer dentro da escola e da situação de ensino-aprendizagem com toda a coerência e clareza possíveis. Não nos é permitido fazer porque assim nos ensinaram, ou porque sempre foi feito assim. Apesar do despreparo profissional que tal situação de inconsciência demonstra, é o que infelizmente vem ocorrendo. (OLIVEIRA, 2019, p.32).

Assumir o papel de tutora foi desafiador, porém significativo para minha jornada em pedagogia, uma vez que não contava com o preparo adequado para lidar com essa situação, gerando um medo considerável de cometer equívocos com o aluno em questão. Enfrentei muitos obstáculos para compreender essa criança, conhecer seus meios de comunicação, entender suas necessidades e respeitar seus limites, visto que ele apresentava dificuldades no processamento cognitivo.

Ademais, era uma criança extremamente carinhosa, amorosa e dependente. Diante desse cenário bastante desafiador, comprometi-me a ser a única tutora dele durante aquele ano, dispondo-me a auxiliá-lo no que fosse necessário.

Um fator crucial nessa jornada foram as aulas nas disciplinas de alfabetização e letramento, bem como as aulas de educação especial. Essas

foram fundamentais para que eu pudesse apoiar o desenvolvimento desse aluno.

No curso de pedagogia, sempre nos foi ressaltado a importância da alfabetização e letramento, enfatizando a necessidade de abordá-los de maneira lúdica. A ludicidade, por despertar o interesse na criança, propicia no processo de aprendizagem.

Durante esses quatro anos de graduação, nos foi enfatizado sobre a importância do domínio da leitura e da escrita, capacitando assim o indivíduo a se tornar um agente ativo na sociedade. E essas habilidades, não fornecem apenas o acesso ao conhecimento, mas também acabam capacitando a participação significativa dentro dos contextos sociais. Logo, nesse contexto, Mortatti (2004) afirma que:

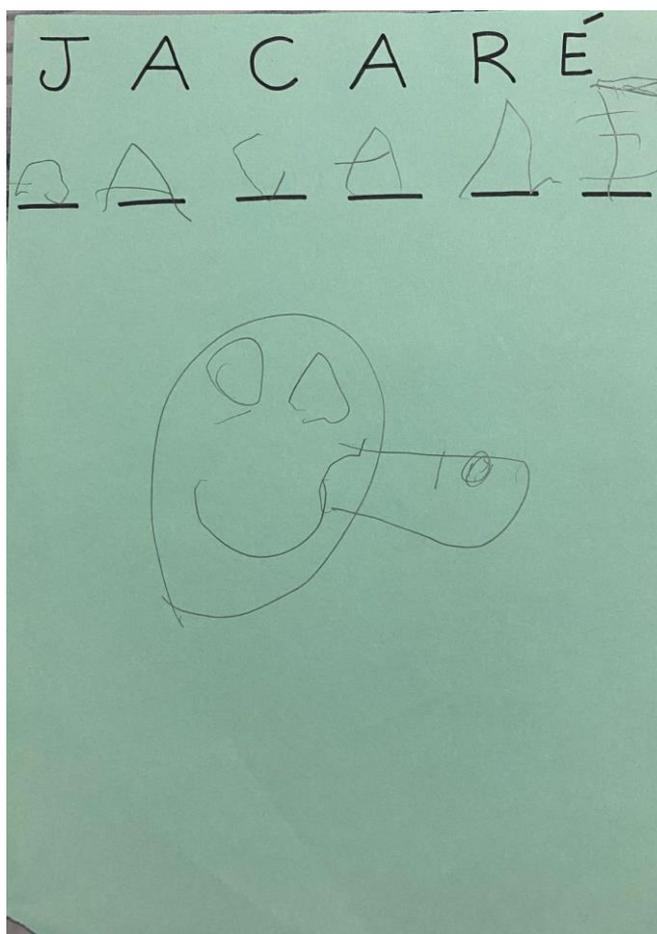
Saber ler e escrever, saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano, são, hoje, necessidades tidas como inquestionáveis para o exercício pleno da cidadania [...]. A prática da leitura e da escrita tornou-se uma prática necessária para a inserção do 12 cidadão como sujeito ativo na sociedade do século XXI. (Mortatti, 2004, p.15).

Ademais, como a alfabetização tem um impacto significativo na vida de cada indivíduo, e como apontado no capítulo sobre minha experiência, que foi marcada por métodos mecânicos e de memorização, optei por abordagens lúdicas ao auxiliar o aluno, o qual fui tutora. Procurei métodos que atendessem suas dificuldades, respeitando seu tempo, considerando a singularidade de cada criança e seus diferentes ritmos e aprendizagem.

O professor alfabetizador deve estar sempre disponível para aguçar a sensibilidade e a atenção das crianças para o material de fato relevante e preparar a situação em que elas possam participar ativamente desse trabalho de construção de hipóteses (FRANCHI, 2012, p. 206).

Com esse aluno em particular, adotei diversas abordagens para a alfabetização, como contação de histórias, escrita de palavras com alfabeto móvel e atividades que envolvendo o nome próprio e a associação palavra-objeto. Entre todos os métodos, destaco que o método fônico foi o mais bem-sucedido para o processo de alfabetização.

Imagem 5 – Atividade realizada com o aluno

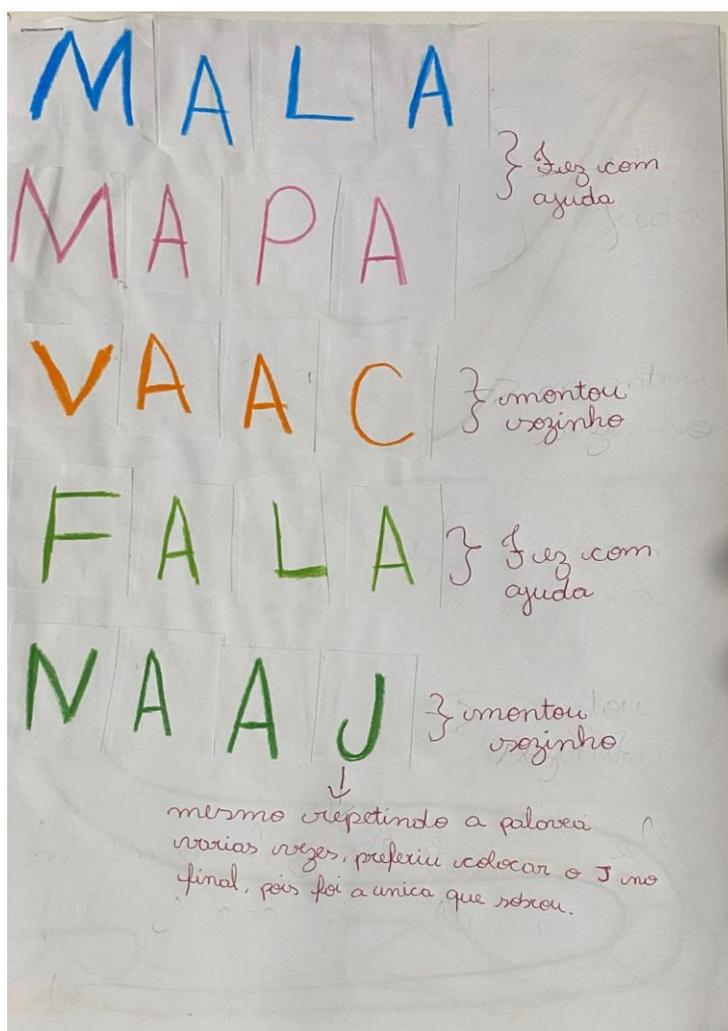


Fonte: Acervo pessoal

Essa atividade, foi realizada sendo baseada em uma contação de histórias, com o protagonismo do aluno e, teve como personagem principal o jacaré, cuja história foi criada espontaneamente durante a atividade. Além de abordar a alfabetização, exploramos a imaginação do aluno e a atividade foi realizada em três etapas. Na primeira, focamos na criação e desenho, na segunda, trabalhamos a escrita da palavra “jacaré” fizemos letra por letra, utilizando o método fônico; e por último, concentramos na escrita, considerando o fato da necessidade de desenvolver a coordenação motora do aluno. É válido ressaltar que o aluno participou ativamente de todo o processo de forma autônoma, respeitando seus limites.

Uma outra atividade realizada foi com o alfabeto móvel

Imagem 6 – Atividade com Alfabeto Móvel



Fonte: Acervo pessoal

Inicialmente reforçando as letras do alfabeto e, com o auxílio da psicomotricista, o aluno praticou escrevendo e recortando as letras. Utilizamos palavras que não fossem familiares, para o aluno. Após a preparação, realizamos a leitura das palavras, uma a uma, seguida de tarefa de montá-las e colá-las na folha. Essa atividade, foi alinhada aos interesses do aluno, proporcionou uma abordagem envolvente e focalizada, assim aproveitando as preferencias para otimizar o aprendizado.

Concluindo, com o método fônico que foi implementado, começando pela apresentação da forma e som das vogais, progredindo de sons mais simples para os mais complexos, seguindo uma ordem estruturada que prioriza o entendimento do som de cada letra. Como afirma Frade (2007, p.23) “foram

criadas variações do método fônico e o que difere uma modalidade da outra é a maneira de apresentar os sons: seja a partir de uma palavra significativa”. Logo, com esse aluno optou-se por essa modalidade, considerando que a criança é de uma natureza curiosa, portando foi necessário que as palavras tivessem um significado para ele. Essa abordagem foi escolhida juntamente com sua fonoaudióloga, visando uma estratégia mais eficaz e que fosse envolvente para o processo de aprendizagem.

Assim, nesse sentido Nóvoa (1994, p. 01) confirma que:

O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais.

Ademais, posso afirmar que durante os três anos de estágio pude não somente métodos para o desenvolvimento do aluno em questão, mas também observar com um olhar mais atento de como funciona uma Educação Infantil, o Ensino Fundamental e uma Gestão Escolar.

Além disso, dediquei-me à alfabetização desse aluno, contando com uma extensa rede de apoio de professores da universidade e com profissionais de fora dela. Minha abordagem buscou métodos que não auxiliassem somente na alfabetização, mas também promovessem sua autonomia, com ênfase na educação especial. Enfrentando a visão ainda presente na sociedade, que muitas vezes encara a educação para essas crianças como assistencialista, destaquei a importância de integrar o ensino de matemática e alfabetização, desafiando essa percepção limitada.

Além do aluno em questão, vivenciei outras experiências em educação especial em diferentes escolas, as quais foram cruciais para o meu desenvolvimento na área pedagógica. Considero fundamental a realização do estágio supervisionado durante a graduação, pois possibilita uma interação valiosa entre professor, estagiário e aluno. Esse processo proporciona trocas essenciais para todos os envolvidos, desempenhando assim um papel primordial para ambos, sendo assim de grande importância para que se tome decisões ao longo do curso, obtendo também uma ampla e vasta troca de experiências.

No último semestre do curso de pedagogia, me surgiram algumas dúvidas, medos e incertezas sobre meu futuro como pedagoga, medo de falhar como educadora, medo do mercado de trabalho e de enfrentar essa sociedade que ainda vê não vê o pedagogo como educador e sim como alguém o qual está ali para cuidar de seus filhos.

Durante esse último ano retomamos com a disciplina de Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos (NADE). Foi por meio dessa disciplina que consegui sanar meus medos e incertezas em relação à profissão escolhida. E, participar de debates sobre vocação para a profissão e a existência real de “chamado” para que se possa exercê-la me proporcionou uma clareza valiosa. Refletindo sobre minhas observações e os obstáculos enfrentados em escolas e na faculdade, pude perceber que o “chamado” se manifesta quando estamos totalmente abertos e dedicados a recebê-lo, buscando transformar, dar significado e ou ressignificar à nossa existência e ao que nos propomos a fazer, logo finalizo o curso com a certeza de que fiz a escolha certa.

Conclusões: Novos caminhos

Em minha jornada nesses quatro anos como estudante de pedagogia, enfrentei diversos obstáculos, vivenciando diversas experiências que foram essenciais não só para o meu futuro como pedagoga, mas também como ser humano. Minha iniciação na educação me transformou em uma pessoa mais empática, permitindo-me libertar de preconceitos e adotar um olhar diferenciado e mais atento sobre o mundo, especialmente em relação as crianças e adolescentes. A pedagogia foi algo transformador, abrindo um amplo caminho que escolhi seguir dentro da educação especial, em busca de uma educação inclusiva. Assim, pretendo continuar me dedicando aos estudos, explorando novos horizontes em minha formação.

Assim, como traz em sua poesia Fernando Sabino (1958)

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos antes
mesmo de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!

Sendo assim, conforme descrito no poema, existem muitas certezas e incertezas. É possível transformá-las, e é isso que farei como pedagoga e futura estudante em especialização em educação especial. “O professor é o agente transformador capaz de contribuir para que o outro construa um futuro possível”².

Apesar dos obstáculos, acredito que a educação tem o poder de transformar vidas. Meu objetivo é impactar positiva e ativamente na vida de muitas crianças, para que possam ser reconhecidas como indivíduos integrantes do mundo, sendo incluídas e aceitas de maneira respeitosa e amorosa.

Ademais, afirmando que a pedagogia é verdadeiramente transformadora. Pois, me proporcionou significativas oportunidades de aprendizagem, assim

² Fala do professor César Augusto Eugênio na disciplina de Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos (NADE) – Desenvolvimento Profissional Docente

como o apoio essencial que recebi de meus professores, desempenhando um papel fundamental em minha formação. Uma vez que sempre me orientaram a buscar caminhos libertadores, visando uma educação que promova a criticidade, autonomia e libertação.

Por fim, durante a elaboração e realização deste memorial, resgatei lembranças que moldaram quem me tornei e que serão peças fundamentais para a futura pedagoga e especialista em Educação Especial que pretendo ser. Com dedicação e amor, meu objetivo é de oferecer uma educação respeitosa. Sinto-me pronta para iniciar minha jornada e carreira como Pedagoga.

Referências

ALMEIDA, Fernanda de Oliveira. A importância da interação entre as crianças dos Encontros Interativos no processo de ensino-aprendizagem. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.**

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 1996.**

DA CRUZ FERREIRA, Waleika et al. Práticas de Alfabetização na Perspectiva do Letramento/Literacy Practices from the Literacy Perspective. **ID on line. Revista de Psicologia**, v. 14, n. 49, p. 325-339, 2020.

FERREIRA, C., MISSE, C., & BONADIO, S. (2004). Brincar na educação infantil é coisa séria. *Akrópolis, Umuarama*, 12(4), 222-223.
FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade à escrita.** 9ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRADE, I. C. A. S. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Revista do Centro de Educação**, vol. 32, n. 1, p. 21-39, 2007.

FREIRE, Madalena. Da paixão de aprender à paixão de ensinar. **RevistAleph**, [s. l.], n. 38, p. 8-20, 2022.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Imago**, 1997.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-posições**, v. 22, p. 72-92, 2011.
KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de pesquisa**, v. 41, p. 752-769, 2011.

LIMA, Ana Francisca Nunes Azevedo de. **O brincar: uma proposta reflexiva.** 2005. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas, Americana, 2005.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, p. s164-s172, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Educação e Letramento.** São Paulo: Unesp, 2004.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. Sobre condições de vida e educação: infância e desenvolvimento humano. **Horizontes**, v. 24, n. 2, p. 129-138, 2006.

NÓVOA, António. **História da Educação**: percursos de uma disciplina. Lisboa/Portugal. Universidade de Lisboa. Texto traduzido em 1996.

OLIVEIRA, Marília Villela de. **Princípios e Métodos de Alfabetização I**. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2019.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, v. 23, n. 2, p. 176-180, 2008.

SABINO, Fernando Tavares. O encontro marcado: romance. **(No Title)**, 1958.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica:(re) construção do vivido e da identidade. **Perspectiva**, v. 28, n. 2, p. 601-624, 2010.

SILVA, Emeline Pompeo da; LUCAS, Michele Gaboardi. Relação entre irmãos: a percepção do primogênito. **Pensando famílias**, v. 24, n. 1, p. 144-159, 2020.

SILVEIRA, Sabrina Rodrigues. Paulo Freire, um mito moderno sobre a jornada do herói: uma análise da vida do educador pernambucano a partir da obra de Campbell. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, 2021.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; DOURADO, Leidiane Santos. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. Macabéa – **Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 3, n. 2, p. 37-56, jul.-dez. 2014.

STEFANIE DE LIMA FREITAS, D.; DE SOUZA JÚNIOR, A. J. Importância do memorial enquanto estratégia de formação profissional no projeto veredas. **Olhares & Trilhas**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/view/3460>. Acesso em: 26 nov. 2023.

² Fala do professor César Augusto Eugênio na disciplina de Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos (NADE) – Desenvolvimento Profissional Docente